

# **Eneida: o girassol das janelas de Belém**

Paulo Nunes

Diante de Eneida as mangueiras florescem, mangueiras que Belém, nos dias de hoje, vê agonizar. Se viva, Eneida indagaria: - Que será de Belém sem essa mãezonas gorduchas? Quem matará a fome da cidade? Quem diminuirá esse calor que nos sufoca?... Eneida, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de arauto da cidade, porta-voz da liberdade, relações públicas da vida.

Se enveredarmos pelas associações simbólicas e dividirmos as personalidades entre solares e lunares, Eneida está entre as primeiras. Apesar de praticar veneração terra em que nasceu ( chuvosa Belém, acinzentada Belém de dezembros-e-janeiros ), Eneida exalta a claridade, a luminescência. Certa vez, disse a cronista: " ... *Não creio, Rimbaud, não creio, senhores tradutores - e maus - de " Voyelles ", não creio que as letras tenham cor; as palavras, sim. Melancolia é cinza sombrio ( ... ); amor é azul, eu sei: cor de mar e céu reunidos...* " Em outra passagem de suas obra, ela reclama da falta de sol, justamente no momento em que o irmão menor iria estrear no futebol do Paramount: " ...*A estréia foi num domingo: campo cheio, as famílias dos jogadores-mirins compareceram em peso... Mas chovia. Belém amanhecera toda molhada e a chuva que caía era aquela chamada de mulher: fina, persistente, molhandq até os ossos, chuvinha que não pára nunca mais. Em linguagem popular e atual devemos chamá-la de seu verdadeiro nome : chuva chata...* " Não há como negar a quase repulsa da escritora face chuvosa da cidade vestida de cinza-melancólico. Basta vasculharmos as páginas da suas crônicas e aqui e ali encontramos a imensa necessidade da exaltação solar, da reafirmação da alegria que, nós, latino-americanos, identificarmos mais facilmente quando o solão espalha seus raios pela Terra.

Jean Chavalier e Alain Gheerbrant, no **Dicionário de Símbolos** ( José Olympio, 2 ed., 1989 ), registram as variações inúmeras sobre a simbologia do sol para as diversas culturas humanas. Dizem eles: " ... o Sol aparece ( em algumas culturas ) como um símbolo de ressurreição e de imortalidade. Os imortais chineses absorvem a essência solar, assim como as sementes de girassol, cuja relação com o simbolismo solar é evidente. O Sol é um aspecto da **Árvore do mundo - da Árvore da vida** - que se identifica com o raio solar.

O Sol está no centro do céu como o coração está no centro do ser... " Eneida seria o coração

imortal de Belém? Talvez sim. E por isso, necessitados como estamos, precisamos, desesperadamente, ler Eneida. A nossa cronista não se esgota em apenas os dois livros editados pela SECULT, **Aruanda e Banho de Cheiro**. Queremos a Eneida de Terra Verde, a de Sujinho de Terra. Desejamos ver Eneida redescoberta pelos inúmeros cantos da cidade que ela amou mais que ninguém ( perdoem-me pelo ufanismo mas é verdade! ). Sonhamos com os profissionais de Letras amando Eneida, analisando seus livros, o que se transformaria num ato de lucidez e paixão. A UNAMA, que fica localizada na Pedreira, beira da praça-homenagem, pode decisivamente fecundar Belém com os textos da cronista. Que tal criarmos um programa que edite - a modo do Lendo o Pará - as obras esgotadas da autora de **Aruanda**? Após editados, os livros se transformariam em instrumentos didáticos para estudantes e professores, que os levariam, num trabalho de extensão, comunidade escolar da cidade. Fica-nos o desafio.

Mas como esta conversa já tende repetição, fiquemos com Eneida, no momento em que ela abre **Banho de Cheiro**, livro republicado, em Belém, no ano de 1989:

*" Para a minha cidade, na sua pessoa física, que - para mim - é minha mãe... Para a minha cidade, suas ruas e praças, suas manhãs claras e noites profundas de jasmim bogari; para os igarapés, para os canteiros dos jardins públicos hoje abandonados, outrora morada de rosas-meninas; para a minha cidade e toda sua paisagem; para a minha cidade, sua gente da Pedreira, do Umarizal, Jurunas; para a gente da São Jerônimo, Nazaré e Independência. "*

---

Paulo Nunes professor do curso de Comunicação Social do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA. Como escritor tem publicados *Em Cltrial*, *Banho de Chuva*. É co-autor de *Texto e Pretexto*, experiência de contextualização a partir da literatura de autores amazônicos, obra adotada na UNIVERSITÉ CHARLES DE GAULLE, LILLE III, Paris.